

UM TEMPO SÓ PARA A MAMÃE

Crystal Kirgis

Tudo o que eu necessitava naquela manhã era de meia hora sozinha, 30 minutos de paz e tranquilidade para conseguir manter minha sanidade mental. Nada de "mãe, faça isto", "mãe, quero aquilo", "mãe, ele me bateu", "mãe, eu derrubei suco no sofá".

Um tempo só meu, um banho quente de imersão, e nada mais.

Eu não deveria sonhar tão alto.

Depois de despachar os dois mais velhos para a escola, coloquei o mais novo em frente ao Barney e disse:

- Querido, preste muita atenção. Sua mamãe vai ficar louca. Ela está perdendo a cabeça. Está a ponto de ir para o hospício. Tudo isso porque ela tem filhos. Você está me entendendo?

Ele movimentou a cabeça afirmativamente, enquanto cantava:

- Barney é um dinossauro em nossa imaginação...

- Muito bem. Agora, seja um bom menino, fique sentado aqui vendo o Barney, enquanto a mamãe toma um banho quente, tranquilo e em paz. Não quero ser importunada. Quero que você me deixe sozinha. Durante 30 minutos, não quero ver você nem ouvir sua voz.

Entendido?

Outro movimento afirmativo com a cabeça.

- Bom-dia, meninos e meninas... - ouvi a bruxa dizer.

Segui para o banheiro com os dedos cruzados.

Observei a água encher a banheira. Observei o vapor embaçar o espelho e a vidraça. Observei a água ficar azul com os sais de banho.

Entrei na banheira.

Ouvi uma batida na porta.

- Mamãe! Mamãe! Você está aí?

Aprendi há muito tempo que deixar de responder à pergunta de uma criança não a faz desistir.

- Sim, estou aqui. O que você quer?

Houve uma longa pausa, enquanto meu filho tentava decidir o que queria.

- Hã... quero um lanche.

- Você acabou de tomar o café da manhã! Não pode esperar alguns minutos?

- Não, estou morrendo de fome! Preciso comer um lanche agora!

- Está bem. Pegue uma caixa de uvas passas.

Eu ouvi quando ele se dirigiu à cozinha e puxou as cadeiras e os banquinhos, tentando alcançar a prateleira onde estava a caixa de uvas passas. Senti o chão estremecer quando ele saltou do balcão e ouvi quando ele retomou à sala de TV.

- Oi, Susie! Você sabe me dizer qual é a cor da grama...?

Toe, toe, toe.

- Mamãe! Mamãe ! Você está aí?

Um longo suspiro. E, então, respondi:

- Sim, continuo aqui. O que você quer agora?

Uma pausa.

- Hã... também preciso tomar banho.

E ele estava certo.

- Querido, você não pode esperar até eu terminar?

A porta foi entreaberta.

- Não, eu preciso tomar banho agora. Estou sujo.

- Você está sempre sujo! Desde quando passou a se importar com isso?

A porta foi escancarada.

- Eu preciso mesmo tomar banho, mamãe.

- Não, não precisa. Vá embora.

Ele parou no meio do banheiro e começou a tirar o pijama.

- Vou entrar aí e tomar banho também.

- Não! Você não vai tomar banho comigo! Quero tomar banho sozinha. Quero que você vá embora e me deixe em paz!

Eu parecia a criança de três anos com quem argumentava naquele momento.

Ele subiu na beira da banheira, equilibrou-se ali e disse:

- Vou entrar aí com você, está bem, mamãe?

Comecei a gritar:

- Não! Isto não está certo! Quero tomar banho sozinha! Não quero ninguém aqui! Quero ficar sozinha!

Ele pensou por alguns instantes e disse:

- Está bem. Vou ficar sentado aqui e você vai ler um livro para mim.

Não vou entrar, mamãe, enquanto você não terminar.

Em seguida, lançou-me um sorriso tão encantador que me nocauteou.

Passei o tempo que eu pretendia dedicar a mim naquela manhã lendo Um Peixe, Dois Peixes para um garotinho nu, de três anos, sentado na beira" da banheira, com as pernas dobradas, o queixo apoiado nos joelhos e um leve sorriso no rosto.

Por que contrariá-lo? Não vai demorar muito para que eu possa passar sozinha todo o tempo que eu quiser. E, então, acho que vou me sentir muito triste por não ter passado mais tempo com meus filhos.